

## O ENSINO DE CIÊNCIAS POR PERSPECTIVA DECOLONIAL NO ‘CLUBE DE CIÊNCIAS DA FFP’

### LA ENSEÑANZA DE CIENCIAS DESDE UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL EN EL ‘CLUB DE CIÊNCIAS DA FFP’

**Laura Giovanna B. Duarte**

Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ)  
lauragiovannabduarte@gmail.com

**Dafne da Costa Monteiro**

Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ)  
dafnemonteiro13@gmail.com

**Daniela Fabrini Valla**

Faculdade de Formação de Professores da UERJ (FFP/UERJ)  
Programa de Pós Graduação em Educação da UFRJ (PPGE/UFRJ)

#### RESUMO

O presente trabalho organiza e descreve um conjunto de oficinas desenvolvidas pelo projeto ‘Clube de Ciências da FFP’, com perspectiva decolonial. Elas foram resultado de um movimento da equipe de pensar a ciência a partir de narrativas diferentes da eurocêntrica, destacando a importância da descolonização do conhecimento. Através de uma abordagem crítica, o trabalho busca compreender como a temática decolonial pode enriquecer a educação científica, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada da ciência.

**Palavras-chave:** Clube de Ciências 1; Decolonialidade 2; Povos originários 3; Cultura 4.

**Eixo temático:** 5. Divulgação científica e ensino de Ciências e Biologia em espaços não escolares

**Modalidade:** Relato de experiência pedagógica.

#### RESUMEN

Este trabajo organiza y describe un conjunto de talleres desarrollados por el Club de Ciencias FFP con una perspectiva decolonial. El objetivo es analizar cómo se exploran los contenidos científicos en este entorno de enseñanza no formal, destacando la importancia de descolonizar el conocimiento. A través de un enfoque crítico, el trabajo busca comprender cómo los temas decoloniales pueden enriquecer la educación científica, promoviendo una visión más inclusiva y diversa de la ciencia.

**Palabras clave:** Club de ciencias 1; Decolonialidad 2; Pueblos originarios 3; Cultura 4.

**Eje temático:** Divulgación científica y enseñanza de las Ciencias y la Biología en espacios no escolares

**Modalidad:** Relato de experiencia pedagógica.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência acerca de um conjunto de oficinas desenvolvidas e aplicadas no projeto ‘Clube de Ciências da FFP’<sup>1</sup>, durante os anos de 2022 e 2023, com clubistas<sup>2</sup> de 8 a 12 anos de idade. Essas atividades foram resultado de um movimento da equipe do projeto de pensar a ciência a partir de narrativas diferentes da eurocêntrica, pois como Pinheiro (2023, p.51), acreditamos que “a democracia racial é um mito” e que as narrativas naturalizadas levam ao esquecimento de outros povos e colocam a Europa como sinônimo único de progresso no mundo.

Os clubes de ciências transcendem a ideia de um espaço para reprodução passiva de experimentos, compondo um ambiente propício ao desenvolvimento dos participantes. Nas atividades os clubistas têm a oportunidade de amadurecer como ser humano, explorando suas capacidades de criatividade, questionamento e reflexão. Além disso, o clube de ciências é um espaço dedicado ao fortalecimento dos valores morais, promovendo a autonomia, o cumprimento de responsabilidades, a construção de relações sociais saudáveis e o engajamento em diversas áreas (Freitas & Santos, 2020).

O Clube de Ciências da FFP é registrado como um projeto de extensão na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Os encontros ocorrem semanalmente na FFP, na cidade de São Gonçalo e são atendidas crianças com idade entre 8 e 12 anos, moradoras da região. As temáticas científicas abordadas podem ocorrer por meio de leituras, experimentações, práticas, debates e brincadeiras. A equipe é formada por seis licenciandos de ciências biológicas e uma professora/coordenadora responsável.

O projeto caracteriza - se por um espaço não formal de atividades de desenvolvimento científico onde conceitos científicos são trabalhados via uma abordagem histórico-cultural-decolonial, que tornam os encontros repletos de conhecimentos e perspectivas variadas, contribuindo para a formação mais abrangente

---

<sup>1</sup> FFP - Faculdade de Formação de Professores, unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizada na cidade de São Gonçalo/RJ.

<sup>2</sup> Clubistas são os participantes que frequentam um clube de ciências, diferente dos monitores/professores que organizam as atividades.

dos clubistas. Durante os momentos de estudos da equipe, tivemos contato com escritos de autores como Ailton Krenak (2019) e Barbara Carine (2020, 2021, 2023), que nos trouxeram novas perspectivas para o pensar e agir ao estruturar as atividades em nosso clube e entendemos que o processo de “desconstrução colonial” (Pinheiro, 2023, p.55) dos conhecimentos faz parte de uma caminhada que não tem chegada, pois a colonialidade é muito mais que um termo teórico, é uma forma de vida com a qual fomos nos construindo como sujeitos neste mundo atual.

Ainda que o projeto não esteja inserido em uma organização escolarizada, a equipe entende como importante contemplar a Lei n. 11.645/2008, que trata da obrigatoriedade da inclusão nas atividades educacionais, da história e cultura afro-brasileira e indígena na educação básica. Entendemos que esses povos e outros povos originários tiveram (e ainda tem) por muitos anos na história do Brasil, suas culturas e conhecimentos desvalorizados. Esse movimento constituiu o bloco de oficinas que será apresentado neste relato.

As pedagogias decoloniais se caracterizam pelo reconhecimento e compreensão de sujeitos por muitos anos silenciados, a partir de suas próprias culturas e narrativas. É crucial afirmar o direito à diferença, de modo a valorizar a diversidade de conhecimentos na elaboração de práticas pedagógicas. (Leite, Carvalho e Ramalho, 2019)

Desse modo o Clube de Ciências da FFP assume o compromisso de ministrar suas atividades de modo a valorizar e tornar público conhecimentos que por muitos anos foram negligenciados pela sociedade e nas salas de aula e trazer visibilidade e reconhecimento à diversidade cultural no desenvolvimento do conhecimento científico.

Foram selecionadas seis oficinas dentre as produzidas nos anos de 2022 e 2023, que tiveram como principal característica tratar conteúdos de ciências em meio ao contexto sociocultural dos povos originários.

## **CONTEXTO E DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS**

As primeiras duas oficinas selecionadas tiveram como objetivo apresentar aos clubistas a relação dos povos originários com a água, mostrando de forma lúdica como se utilizam deste elemento durante o cotidiano em sua comunidade. Deste modo, os clubistas puderam repensar a relação da sociedade contemporânea com a água e trazer um viés

ancestral totalmente distante da nossa lógica de consumo em moradias urbanas, e no processo, estimular a reflexão sobre qual é a verdadeira natureza da crise hídrica que o mundo vem enfrentando ao longo dos anos:

### **A importância da água e os povos originários**

A oficina realiza um debate sobre a importância da água no nosso cotidiano urbano. Em seguida, propõe a reflexão “Qual é a importância da água no cotidiano dos povos originários?”, e com ela, a questão “A forma como pensamos, tratamos e utilizamos a água é a mesma?”. Nesse processo, foi proposta a leitura do livro “Olelé uma antiga cantiga da África” de Fábio Simões e após a leitura foi assistido o clipe<sup>3</sup> da música “Olélé Moliba Makasi” (figura 1), que é relatada durante a história.

Foi realizada, então, uma explicação geográfica, utilizando mapas, sobre a região em que a história do livro se passa, ressaltando a intensa relação do povo que vive às margens do rio Cassai, localizado na República Democrática do Congo, no continente africano. Nesse momento, o encontro se concentra na cultura desse povo e na importância do respeito à natureza da região e como os ensinamentos são passados dos anciões para os mais novos, valorizando a ancestralidade.

Em um segundo momento, foi feita a leitura do poema “Os filhos das águas dos Solimões” de Marcia Kambeba, quando foi contado que o povo Kambeba é um povo brasileiro chamado de ‘povo da água’. Foi valorizada a relação de respeito deles com a água e de como a sua ancestralidade faz parte do processo que levou à construção dessa relação, em meio a uma cultura que se mantém viva até os dias atuais. Em seguida, foi exibido uma exposição digital de fotos intitulada de “Água e povos indígenas”<sup>4,5</sup>, que retrata de forma visual a relação de povos indígenas com a água.

Por fim, foi feita uma reflexão/debate em grupo sobre como seria a vida sem água e como a falta dela afetaria toda a biodiversidade do planeta, além de correlacionar o nosso uso cotidiano da água na vida urbana com o uso pelos povos originários e a sua relação com ela, observando semelhanças e diferenças durante o processo. Os clubistas

<sup>3</sup> Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wIeM4PM7aZw>.

<sup>4</sup> Exposição realizada pela Escola Superior do Ministério Público da União (ESMPU), em parceria com a

<sup>5</sup> Câmara de Coordenação e Revisão. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=fd2nXZvNfzg>

registraram sob a forma de ilustrações ou escritos o que mais os marcou e como podemos pensar melhores formas de cuidar e lutar pela preservação da água no planeta.

**Figura 1:** os clubistas assistindo a música “Olélé Moliba Makasi”



**Fonte:** as autoras

### **A água e o saci**

O encontro começou com uma tirinha (Fig. 2) seguida da pergunta: “Como encontrar água?”, levando a uma reflexão sobre as transformações e mudanças que a água pode sofrer. Assim foi debatido sobre os comportamentos da água, seus estados físicos e mudanças, com foco na formação dos vórtex<sup>6</sup>, popularmente chamados de redemoinhos. Houve troca de conhecimentos entre os participantes e as monitoras sobre a origem e manifestações desse fenômeno. Por fim, discutiu-se a perspectiva cultural dos vórtex, que podem ser vistos em diversas culturas como símbolos de mudança e transformação.

Durante o debate foi realizada associação à cultura yorubá onde os redemoinhos são associados à orixá Iansã, que em sua mitologia é uma guerreira que traz a força dos ventos e da tempestade. Dentro da cultura brasileira, em algumas interpretações, essa orixá pode ser vista como protetora do saci, uma imagem folclórica também muito associada ao fenômeno do vórtex, uma vez que é em um redemoinho que ele se locomove.

Foi feito então, para encerrar o encontro, a prática de montagem de um vórtex em garrafas pet de 600mL, com água e sabão, onde cada clubista produziu sua garrafa e adicionou a imagem do saci que eles pintaram e recortaram.

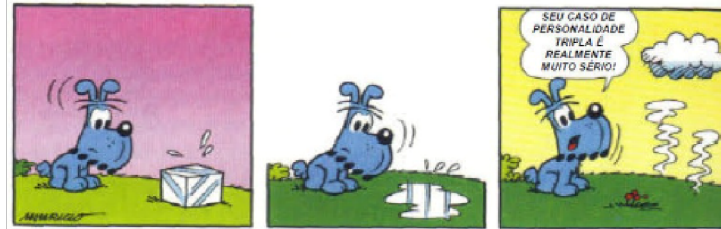
A oficina foi encerrada com a exibição do episódio 4 da série “Juro que vi” intitulado “Juro que vi Saci”<sup>7</sup>, que apresenta o saci como um protetor da natureza e com um olhar de empatia para com o próximo.

<sup>6</sup> Relativo a um movimento giratório intenso, que faz com que um fluido gire em torno do próprio eixo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>.

<sup>7</sup> Série produzida pela produtora audiovisual MultiRio. Disponível em: <https://youtu.be/kIYAnVSIV-U?si=dcGEFJoeE27DXtpf>.

As duas oficinas abordam conteúdos científico-culturais, com uma perspectiva que destaca a importância do conhecimento dos povos ancestrais, da sua relação com a natureza e a sua importância para promover a preservação da água como patrimônio da humanidade e recurso essencial à vida.

**Figura 2:** Tirinha utilizada para a introdução da atividade.



**Fonte:** <https://alvinhouau.blogspot.com/2015/03/exercicios-sobre-mudancas-de-estado.html>

Selecionamos duas oficinas ligadas à cultura indígena, ‘Tintas Naturais’ e ‘O tupi que você fala’, que tem como objetivo abordar aspectos dos hábitos de produção/utilização de grafismos em vários aspectos rotineiros e também de trabalhar a importância das línguas indígenas para manutenção e perpetuação de suas culturas. Ao realizá-las, tivemos como proposta apresentar a cultura e promover a quebra de estereótipos relacionados aos povos originários, contribuindo com o reconhecimento e a legitimação de sua cultura. Além disso, foi demonstrado como nossa própria cultura é intrinsecamente influenciada pela cultura indígena, estando presente em diversos aspectos diferentes do nosso cotidiano.

### **Tintas Naturais**

As monitoras começaram explicando sobre as pinturas corporais indígenas, os chamados grafismos, destacando sua importância na identificação dos povos, diferenciação de famílias, comunicação de sentimentos, proteção espiritual e status social. Explicaram que as tintas são feitas a partir de folhas e frutos locais.

Aqui cabe reforçar a importância das pinturas entre os povos indígenas através dos escritos de Ribeiro (2012), que diz que o hábito da pintura corporal é herdado pela memória cultural dos antepassados, sendo identificado em toda a história da humanidade. Entender as formas e significados das pinturas na cultura indígena é muito importante, pois elas fazem parte do enfrentamento do fenômeno da aculturação.

Dando continuidade à descrição da oficina, foi discutido como a natureza fornece uma abundância de pigmentos naturais que podem ser extraídos de cascas, raízes, folhas, frutas, entre outros. As primeiras tintas, utilizadas em pinturas pré-históricas em cavernas, eram feitas de terras coloridas, pó de rochas, carvão vegetal, sangue e cola de vegetais e animais, o que as torna altamente duráveis e algumas preservadas até hoje.

Os clubistas foram convidados a produzir tintas naturais através da extração de pigmentos. Reforçamos aqui que utilizamos elementos naturais utilizados pelos indígenas e outros do dia a dia dos clubistas para pensar a presença de pigmentos na natureza, mesclando uma atividade de entendimento e valorização da cultura indígena e também de iniciação científica.

Foram utilizados: beterraba, urucum, café, açafrão, jenipapo, espinafre, cenoura e repolho roxo para fazer diferentes cores de tinta. Cada alimento foi processado de uma maneira específica, como bater no liquidificador, ralar ou cozinhar, para extrair a cor.

Ao final, os clubistas confeccionaram artes com grafismos de diferentes povos e alguns arriscaram grafismos na pele (Fig. 3, 4 e 5).

**Figura 3, 4 e 5:** clubistas produzindo grafismos com as tintas produzidas



Fonte: as autoras

## O tupi que você fala

A atividade começou com um debate sobre a língua tupi, seguido pela exibição do episódio 1 da série Raízes do Brasil<sup>8</sup>, que aborda a chegada dos portugueses ao continente americano e a generalização dos nativos que aqui habitavam em uma única etnia. Após

---

<sup>8</sup> Série produzida pelo canal Enraizando. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s><sup>8</sup>  
Vídeo produzido pelo canal Enraizando. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Qky8NVaAfK8>.

isso, houve uma reflexão em grupo sobre os problemas enfrentados pelo meio ambiente na sociedade contemporânea e como a chegada dos portugueses contribuiu para esses impactos na biodiversidade. Os participantes discutiram soluções para essas questões e foram introduzidos ao conceito de sustentabilidade, com o auxílio do vídeo "Sustentabilidade - Enraizando #6" do canal Enraizando<sup>8</sup>.

Após assistir ao vídeo, os participantes discutiram o conceito da Organização das Nações Unidas (ONU) para entender o aspecto global sobre a sustentabilidade. Em seguida, refletiram sobre o modo de vida nas cidades e nas aldeias indígenas, concluindo que a vida urbana não é sustentável. As monitoras destacaram que o sistema social capitalista, baseado na lógica de consumo e presente nos centros urbanos em que vivemos, contribui para a poluição e degradação ambiental.

A partir deste ponto, foi introduzida pelas monitoras a reflexão sobre o significado da palavra indígena ser "originário, aquele que está ali antes dos outros" , e que usar o termo valoriza a diversidade de cada povo, que foram e são ainda muito diversos no território brasileiro, inclusive em relação à linguagem, pois são cerca de 180 línguas<sup>9</sup> ainda restantes. E que dentre elas há o grupamento Tupi-Guarani como um dos mais numerosos.

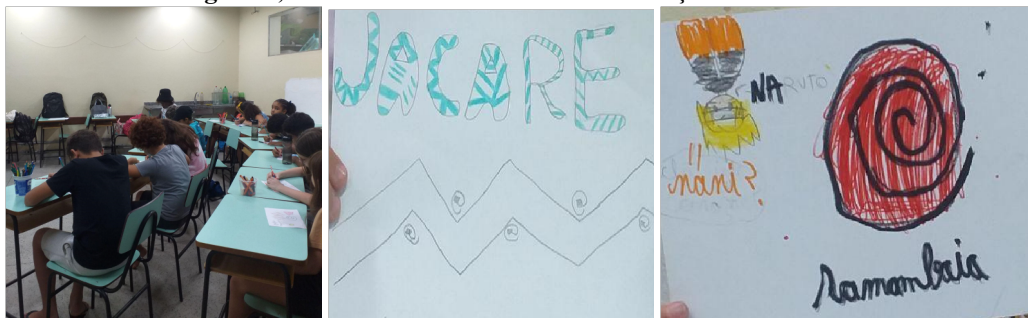
Então, foi questionado: “Vocês conhecem alguma palavra em Tupi?” Foi proposto pela equipe que os clubistas assistissem ao vídeo “Tu Tu Tu Tupi de Hélio Ziskind<sup>10</sup>. Após ouvirem a canção, foi feita a leitura do livro “O tupi que você fala”, do autor Claudio Fragata. Tanto o vídeo como o livro apresentam palavras do Tupi-Guarani utilizadas na linguagem cotidiana das populações brasileiras. E então, pode ser debatido sobre as palavras e seus usos, como, por exemplo, tatu, aipim e sucuri, além de muitas outras. Ao final, foi solicitado que cada clubista escolhesse uma palavra e realizasse uma ilustração sobre a escrita da palavra, se possível com elementos dos grafismos já estudados (Fig 6, 7 e 8).

---

<sup>9</sup> Informação extraída de [www.labeurb.unicamp.br/elb](http://www.labeurb.unicamp.br/elb).

<sup>10</sup> Vídeo produzido pela TV Cultura. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6RkLPzNCN\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=6RkLPzNCN_8)

**Figura 6, 7 e 8:** clubistas trabalhando e ilustrações dos clubistas



Fonte: as autoras.

As oficinas apresentadas a seguir estão dentro da pauta da sustentabilidade, que é sempre muito discutida e trabalhada no estudo da ecologia e aparece muito entre as demandas dos clubistas com dúvidas e questionamentos. As propostas envolviam debater sobre a natureza de consumo exagerado que nossa sociedade está inserida, além de trazer reflexões sobre o papel das indústrias. Deu-se foco à forma de viver dos povos originários no centro, como exemplo de preservação e respeito à natureza.

### **Povos quilombolas e o meio ambiente**

Durante uma atividade em celebração ao Dia da Consciência Negra, os participantes foram introduzidos à figura de Dandara dos Palmares por meio de uma reflexão conduzida pelas monitoras (figura 9). Os participantes inicialmente especularam sobre sua possível relação com Zumbi dos Palmares devido ao sobrenome, revelando um desconhecimento sobre a individualidade da figura histórica feminina. As monitoras então detalharam a trajetória de Dandara, destacando seu papel na construção do Quilombo dos Palmares.

Em seguida, foi exibido o vídeo “Mulheres fantásticas/ Dandara”.<sup>11</sup> Depois foi feito um debate sobre a história da figura Zumbi dos Palmares, onde as monitoras contaram sobre a origem pernambucana e suas batalhas pela liberdade dos povos escravizados.

Durante a atividade, os participantes aprenderam sobre o conceito de quilombo e povos quilombolas, onde um quilombo é uma comunidade formada por descendentes de africanos escravizados que fugiram da escravidão em busca de liberdade e autonomia.

<sup>11</sup> Link do canal do YouTube TV Globo. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=HsmvQHKrTK0>

Eles estabeleceram suas próprias estruturas sociais, econômicas e culturais, mantendo uma forte ligação com seus territórios. Os quilombos podem ser encontrados em áreas urbanas e rurais, muitas vezes ao redor de locais associados à resistência negra.

Uma vez estabelecida a compreensão do que é um quilombo, foi inserida a reflexão da relação desse espaço com o ambiente, trazendo para os clubistas a vertente sustentável desse povo, através da ideia de Silva, 2012: “Essas comunidades historicamente sempre procuraram conviver harmoniosamente com a natureza, fazendo das matas o seu espaço de liberdade.” O quão importante foi e é a sua presença para a preservação local. Dessa maneira foi estabelecido como a cultura sustentável dos povos quilombolas foi de extrema importância para a manutenção e preservação dos biomas brasileiros.

As monitoras finalizaram a oficina apresentando a história de um quilombo referência na luta pela preservação ambiental, o Quilombo Kalunga, que fica no nordeste goiano, na região da Chapada dos Veadeiros e mantém 83% da área com vegetação intocada.

**Figura 9:** momento de introdução da personalidade da Dandara



Fonte: as autoras.

## Nós e o lixo

A atividade foi iniciada com uma reflexão sobre a poluição da água do planeta, fazendo um breve arremate sobre a importância de um estilo de vida sustentável, ressaltando o modelo de vida dos povos indígenas como um exemplo expressivo de qualidade e harmonia na relação entre seres humanos e meio ambiente.

Em seguida foi assistido pelos integrantes do encontro o vídeo “Biojoias que a natureza oferece” do canal do YouTube Kapai Kalapalo, o vídeo trata de materiais naturais que podem ser transformados em enfeites corporais biodegradáveis. Em seguida

foi assistido o vídeo “Pesquisadores percorrem aldeias para registrar os jogos e brinquedos das crianças indígenas” no canal TV Cultura, nesse vídeo os entrevistados relatam jogos e brincadeiras completamente sustentáveis e produzidas por eles mesmos.

Após discutirem a viabilidade de um cotidiano totalmente sustentável nas cidades, os clubistas concordaram unanimemente que não seria possível. As monitoras então propuseram repensar o uso de plástico, uma vez que está intrinsecamente ligado ao dia a dia urbano, sugerindo uma reflexão sobre a produção de lixo plástico pelo consumo.

Desse modo foi introduzido o conceito de reciclagem e sua importância como um método a curto prazo. Foi proposto então pelas monitoras um mini game, onde era mostrado a imagem de um item e os clubistas deveriam dizer o que foi reciclado para sua produção e em seguida a montagem de brinquedos a partir da reciclagem de garrafas pet (Fig. 10, 11 e 12).

Essa atividade foi essencial para que os clubistas começassem a ter uma reflexão mais profunda em relação à produção de lixo plástico na sociedade consumista urbana, de modo que ainda fosse possível introduzir o conceito de reciclagem e alertar para seu efeito paliativo.

**Figura 10, 11 e 12:** Montagem dos brinquedos



**Fonte:** as autoras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As atividades no ‘Clube de Ciências da FFP’ trazem diversos aspectos da cultura e dos conhecimentos dos povos originários e dessa forma enriquecem a perspectiva dos clubistas ao dar visibilidade e reconhecimento a povos já muito desconsiderados dentro do âmbito social, cultural e científico. Segundo Cabral, Silva e Malheiros (2020) a decolonialidade é um conceito que surge para negar a colonialidade que existe nos países colonizados pelos europeus, que envolve a colonialidade do ser, do saber e do poder.

Nossa equipe vem estudando as temáticas tanto para o preparo das atividades, como em um grupo de estudos onde buscamos aprimorar e aumentar nossos conhecimentos no assunto.

Sabemos que ainda temos um longo e constante caminho a percorrer na busca de mais conhecimentos para aprimorar e desenvolver novas atividades. Com isso, entendemos a importância que o Clube de Ciências da FFP permaneça pensando essas temáticas com cuidado e persistência para que possamos colaborar na formação de clubistas integrados com a perspectiva decolonial nas pesquisas científicas e em espaços educacionais.

## REFERÊNCIAS

- CABRAL, R. E. da S.; SILVA, L. E. da; MALHEIRO, J. M. da S. A decolonialidade na feitura da ciência em um clube de ciências. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/341256762\\_A\\_decolonialidade\\_na\\_feitura\\_da\\_ciencia\\_em\\_um\\_clube\\_de\\_ciencias](https://www.researchgate.net/publication/341256762_A_decolonialidade_na_feitura_da_ciencia_em_um_clube_de_ciencias).
- FREITAS, T. C. de O.; SANTOS, C. A. M. dos. **Clube de Ciências na Escola: um guia para professores, gestores e pesquisadores**. 1.ed. Curitiba, Brazil Publishing, 2020.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LEITE, L. H. A.; RAMALHO, B. B. M.; CARVALHO, P. F. L. de. A educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. Dossiê Paulo Freire: O legado global. **EDUR - Revista de Educação**, v. 35, e214079, p. 1-21, mai. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698214079>. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/edur/a/BTkM85VrQWhbwZQ6N7NYChG/>.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Acesso aos Direitos Fundamentais: uma Abordagem da Pauta Indígena. **História dos Povos Indígenas Brasileiros**. Brasília: Repositório Enap, 2021. Disponível em:  
<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6820/1/M%C3%B3dulo%201%20-%20A%20Hist%C3%B3ria%20dos%20povos%20ind%C3%ADgenas%20brasileiros.pdf>.
- MONTEIRO, C. D.; MARTINS, C. L.; DUARTE, B. G. L.; SOUZA, N. L.; VALLA, F. D. Caracterização do Clube de Ciências da FFP e suas atividades já realizadas: um relato de experiência. X Encontro Regional de Ensino de Biologia (EREBIO), 2023, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: SBEnBio, 2023. p. 445-456. Disponível em:  
[https://regional2.sbenbio.org.br/publicacoes/anais\\_x\\_erebio.pdf](https://regional2.sbenbio.org.br/publicacoes/anais_x_erebio.pdf).

PINHEIRO, B. C. S. **@Descolonizando\_saberes**: mulheres negras na ciência. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

PINHEIRO, B. C. S. **História preta das coisas**: 50 Invenções científico-tecnológicas de pessoas negras. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023. 160p. ISBN 978-85-422-2125-1.

RIBEIRO, M. **Grafismo Indígena**: Influência Grafismo Corporal 2012, 54p. trabalho de conclusão de curso. Instituto de Artes, Universidade de Brasília Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5570/1/2012\\_MaristelaMariaRibeiro.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5570/1/2012_MaristelaMariaRibeiro.pdf).

SILVA, C. J. **As Comunidades Remanescentes de Quilombos e a Preservação Ambiental na Região da Baía de Camamu -Bahia**. [s.l: s.n.] set. 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/secosteiros/article/download/14688/10043/47470>>